Fenômeno psicossomático na vertente do gozo

Maria Carolina Bellico Fonseca

Por ser uma das manifestações do real e, como tal, de difícil apreensão, o fenômeno psicossomático (FPS) é um dos grandes desafios com o qual os especialistas se defrontam atualmente em suas clínica. Ele resiste às pesquisas, exames e medicação; às vezes, cede a alguns tipos de tratamento, mas volta levando o paciente e o corpo médico para um enigma: o que é isso que não é virótico, bacteriano ou causado por agentes externos que *insiste* em reaparecer? Ele marca o corpo do sujeito com lesões e provoca a reentrada de gozo no corpo, lugar proibido pela lei da linguagem. Tal maneira de gozar não é específica de uma estrutura, e o FPS pode ocorrer em sujeitos neuróticos, psicóticos ou perversos.

No texto *Extimidade do gozo*, Miller diz que é possível constituir no estudo do FPS um duplo modelo de uma série de casos: na primeira, cuja base é a estrutura significante, o FPS, de certo modo, contorna a estrutura de linguagem; na segunda, entra em jogo a vertente do outro Lacan, a do objeto *a* que faz do gozo um termo operatório[1] . Essas vertentes não se anulam, pois a segunda completa a primeira. A vertente do significante, por razões de espaço, não terá destaque no presente trabalho, mas podemos dizer que ela nos permite a distinção entre FPS e sintoma. Sabemos que o primeiro não tem estrutura metafórica como o segundo, ou seja, não tem representante psíquico e sentido, em decorrência da holófrase, isto é, da condensação de S_1 e S_2 que impede o deslizamento dos significantes. Nesse caso, o indivíduo deixa de ser "computado" como sujeito, uma vez que aparece solidificado no significante holofrásico – sem espaço entre S_1 e S_2, nem o sujeito, nem o objeto *a* caem –, constituindo com ele um "monólito"[2]. Daí a falta de subjetivação da doença, a não implicação do sujeito. Para Valas:

> [...] o significante holofrásico é um signo que não entra no sistema do sujeito. Esse signo permanecerá para ele um enigma que, em excesso e dada sua forma imperativa, poderá engendrar uma lesão, perturbando de maneira duradoura uma função vital do corpo.[3]

[1] Miller. Extimidad del goce (1999).

[2] Stevens. L'holophrase, entre psychose et psychosomatique (1987).

[3] Valas. Um fetiche para os ignorantes (2004, p.121).

Esse signo, portanto, indica a impossibilidade de algo ter sido veiculado na linguagem, passando a ser impresso no corpo como tatuagem, pois nesse ponto o discurso do sujeito escapa ao domínio do simbólico e passa a *mostrar* algo que diz respeito ao real não simbolizável. Esse algo não simbolizável estaria relacionado a algo traumático para o sujeito decorrente do desejo do Outro: "tudo se passaria de certo modo como se o sujeito sentisse a imposição sobre si das significações confusas do Outro que, à força de se repetir, causaria trauma"[4], pois "o desejo insistente do Outro pode induzir a uma lesão corporal quando se interfere numa necessidade fundamental do corpo"[5]. Miller também valoriza "o efeito traumático de algum acontecimento que não foi traduzido para a ordem simbólica e que, em curto-circuito, marca o corpo"[6]. Ao concordar com esses autores, relacionamos o FPS ao trauma: vivência de um real implacável que exclui o sujeito, que não tem relação com o seu desejo e na qual está implicado o "registro do Outro e a sua obscura vontade"[7]. Nesse contexto, o sistema significante falha e o sujeito pode responder com o corpo.

Para Miller, no caso do FPS, mediante o fracasso da representação significante, da impossibilidade de dizer sobre o que abate o sujeito, ocorre um "retorno de gozo" no corpo: "em vez de ser expulso ao exterior ou confinado aos limites erógenos do corpo, o gozo faz intrusão naquilo que deveria ser o conjunto vazio do corpo"[8]. Esse autor, portanto, põe o FPS em série com a esquizofrenia ("modelo catastrófico") e com a paranóia (gozo no lugar do Outro), ao dizer que nele também ocorre o retorno de gozo sob forma "quase significante"[9]. É assim que se compreende a expressão "hieróglifo no deserto", referida por ele ao FPS: no vazio de gozo do corpo que se dá em decorrência da ação do significante, as lesões orgânicas se apresentam como um enigma que encerra uma parte da história do sujeito, mas não tem como ser traduzido. No que diz respeito ao gozo, trata-se aqui de um retorno em áreas delimitadas, que tem na genética um grande facilitador de um gozo corporal excessivo que se fixa e imprime sua marca sobre um órgão. Para Miller, é nesse sentido que se deve entender a frase de Lacan: o "Outro é o corpo", "o Outro é o corpo enquanto corpo morto, enquanto corpo que não é mais que conjunto vazio, livre de gozo"[10], mas habitado pelo significante. No FPS, esse Outro goza sem que o sujeito seja implicado nisso, ou seja, ocorre uma "forçação do corpo da qual o Outro goza à custa do sujeito"[11].

Mas de que espécie de gozo se trata? Lacan, em sua conferência em Genebra, refere-se a um "gozo específico" do

[4] Valas. Horizontes da psicossomática (1990, p.83).

[5] Valas. Um fetiche para os ignorantes (2004, p.120).

[6] Miller. Extimidad del goce (1999, p. 23).

[7] Soler. Trauma e fantasia (2004, p. 46).

[8] "E nesse aspecto a série de casos que podem ser construídos simetricamente àquela implicada pelo fracasso da representação significante, é uma série de casos, a mesma, mas considerada como 'retorno do gozo' ao corpo, no lugar de ser expulso para o exterior ou confinado aos seus limites erógenos. O gozo se introduz no que deveria ser o conjunto vazio do corpo". Miller. Extimidad del goce (1999, p. 29).

[9] "E o FPS merece ser posto aí em série, embora efetivamente nos dê esse retorno do gozo sob uma forma quase-significante". *Ibid.*

[10] *Ibid.*, p. 30.

[11] Valas. Um fetiche para os ignorantes (2004, p.122).

psicossomático. Sabemos que ele não é regulado pelo falo, assim como o gozo feminino e o gozo da psicose, mas a similaridade pára aqui. Por que pensamos isso?

Ao aproximar o FPS da psicose, quando se revela a presença da holófrase, admitimos que, no que diz respeito a essa afecção somática, o sujeito se encontra fora da ordem fálica. Isso quer dizer que houve um momento em sua vida em que ocorreu uma falha em seu sistema de linguagem (regulado pelo significante fálico), e que, não sendo possível o acionamento do simbólico (por intermédio de seu ser de sujeito), houve o acionamento do corpo (até porque sua genética o facilitou) por meio de um hieróglifo encarnado.

Trata-se, dessa forma, do gozo de um corpo que se mostra pelas "rasuras" na carne sob a forma de lesões; mostração fora de subjetivação, fora da linguagem, que faz sofrer. Ao mesmo tempo, contudo, o FPS pode trazer também, em alguns casos, certo apaziguamento por circunscrever esse gozo e, por que não dizer, um tipo de amarração, de nomeação, pois, ao delimitá-lo, promove um enlaçamento com a realidade, permitindo uma nomeação para o sujeito. Daí assistirmos em indivíduos psicóticos a permutação entre surtos psicóticos e surtos psicossomáticos, como se o FPS funcionasse para eles como uma tela de proteção contra a intrusão do real e também como uma espécie de laço com a realidade.

Foi o que ocorreu no caso de Juquinha, um esquizofrênico de 33 anos. Esse rapaz, enquanto combatia uma psoríase violenta que o acometia, mantinha contato com a realidade, por mais dura que esta se lhe apresentasse – sob a forma de uma mãe vociferadora e intransigente, de um Outro gozador –, como se as lesões concentrassem em si todo o gozo, todo o real desligado do significante fálico; como se elas desempenhassem o papel de uma zona erógena que, ao aprisionar o gozo, *desenlouquecesse* o sujeito e enlouquecesse o corpo. Queremos dizer que, de certa forma, sua psoríase funcionava como um substituto do significante fálico que permitia o estabelecimento de certa "normalidade" para o sujeito. Curadas as lesões, ocorria nova invasão de real e o gozo, novamente livre, desenlaçado, sobrecarregava o psiquismo, levando a nova ruptura com a realidade.

Freud, mesmo não tendo trabalhado sobre o FPS, ressaltou o fato de a doença orgânica operar contra o desenvolvimento de uma neurose: "uma pessoa atormentada pela dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito a seu sofrimento".[12] Em nossa opinião, em alguns casos de FPS, ocorre algo semelhante:

[12] Freud. Sobre o narcisismo (1914/1975, p. 98).

o indivíduo tem a possibilidade de diminuir a sintomatologia neurótica, que chamamos de apaziguamento, pois, às vezes, a lesão "rouba a cena". Foi o que pudemos observar em nossa clínica em determinados sujeitos neuróticos portadores de algum tipo de FPS – enquanto a angústia se manifestava sob a forma de lesão orgânica, havia pouco espaço para falar dela (angústia), pois era vivida no corpo e suficientemente mostrada. Aqui, não estamos negando que os pacientes sofram, mas dizendo que esse sofrimento pode, em alguns casos, apaziguar de uma outra dor sem memória, sem palavras: "Como não sei falar, só queria mostrar minha lesão".

Isso é flagrante no caso de um paciente com neurose obsessiva muito grave e retocolite ulcerativa hemorrágica, que, após "ser descoberta" pela médica (foi ela quem, após várias consultas com outros especialistas, nomeou sua doença), parece ter acalmado, amainado a efervescência de sua sintomatologia neurótica. Na análise, só queria falar de sua doença. Não parecia temê-la; ao contrário, queria mostrá-la, exibi-la, como se dela se orgulhasse, comprazendo-se em contar os detalhes de tudo que lhe acontecia, desfiando um rosário sem fim sobre dores e tratamentos ou, dito de outra maneira, aprisionando-se no significante *colite ulcerativa hemorrágica*. Quando as crises da doença cediam, a ebulição neurótica retornava à cena analítica. Isso, todavia, não quer dizer tampouco que, em muitos outros casos, o horror diante da manifestação somática e o pânico diante da possibilidade de retorno desta possam ocorrer. Casos diferentes, diferentes formas de gozar...

Lacan se refere ao gozo do psicossomático em sua Conferência em Genebra, ao usar a metáfora *congelado* para dizer de sua fixação, sem dar maiores explicações sobre esse ponto. Merlet trabalha essa questão a partir dos efeitos da entrada na linguagem: o corpo é subtraído do organismo, clivado pela atividade pulsional e se torna subvertido pelo enxerto do órgão incorpóreo da libido, cujos representantes são os objetos contornados pela pulsão; desse modo, constitui-se um objeto impossível que não cessará de ser reivindicado por meio da demanda e do desejo. Para ele, Lacan explica essa fixação de gozo "pela interferência de uma necessidade sobre o desejo, isto é, uma espécie de curto-circuito corpo-organismo no ponto de não clivagem"[13]. Para nós, nesse ponto de não clivagem, ocorre a holófrase, não há queda do objeto *a* e o sujeito não é computado, pois não se afaniza, tornando-se alienado no desejo do Outro. O que aparece é o FPS como real no corpo, isto é, corpo como superfície imaginária em que o significante do Outro deixa

[13] Merlet. Todo órgão determina deveres (1990, p.19).

sua marca; corpo em que "se deixa escrever algo da ordem do número"[14], como nos diz Lacan, da ordem do real, contagem de gozo. Corpo, enfim, que se mostra em sofrimento de gozo, em uma clara mostração do "Isso goza!".

[14] Lacan. Conferência em Genebra sobre o sintoma (1998).

Essa referência lacaniana ao número é indicativa de uma cifração do gozo que se escreve em números, que não passa pela significantização da letra ou pela subjetivação do desejo. Número que não faz série e atua como pura freqüência, apenas um sinal, uma cifra, a possível escrita do real. A propósito dessa terminologia *cifra*, achamos interessante lembrar que o conceito se refere ao sinal gráfico representado pelo zero, que, não tendo valor absoluto, confere valor relativo a outros algarismos quando os acompanha. Não poderíamos estender essa compreensão ao real do gozo e dizer que, sem representação (valor absoluto), este confere à realidade psíquica do sujeito um valor relativo, enumerável em seus surtos sucessivos, periódicos? Assim, seria possível pensar que, nesses momentos de invasão de real, a realidade estaria referida de acordo com a cifra de gozo que a inundasse.

Para Fux, há na psicossomática uma cifra de gozo que não passa pelo significante e que não é subjetivável: "é como se fosse uma contagem absoluta de gozo, que pode surgir em surtos inesperados e sucessivos, uns seguidos dos outros"[15]. O sujeito se submete a um imperativo de gozo, vítima do "gozo obscuro" do Outro. Obscuro e também enigmático, uma vez que não ocorre aqui nem subjetivação do desejo, nem relação dialética com o Outro: o "gozo enigmático do Outro faz retorno ao corpo próprio"[16] – é disso que se trata, segundo a autora, no gozo específico do psicossomático.

[15] Fux. O gozo específico da psicossomática (2000, p. 72).

[16] *Ibid.*

Específico, vale esclarecer, refere-se à sua fixação fora do simbólico e à entrega submissa ao Outro, à freqüência de número que não faz série. Diferente da repetição significante, ele apenas sinaliza algo da ordem de uma pulsação sem sentido no corpo, tomado como objeto dejeto, manifestação do real presente nas lesões, causa de angústia. Para Lacan, é por intermédio do objeto *a* que se pode falar da angústia, pois ela é "sua única tradução subjetiva"[17], ou seja, ela não é sem objeto e se deve à proximidade de *a*. Assim, no FPS, ao afirmar que a holófrase é encarnada, dizemos também que esse objeto está no corpo, é a presentificação de real sinalizado na angústia, em uma realização do corpo imaginário ou, como nos diz Miller, "em uma incidência direta do pensamento sobre o corpo"[18]. Além disso, nesse mesmo texto, esse autor acrescenta que, no FPS, ocorre a imaginarização do simbólico, que, para nós,

[17] Lacan. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963/2005, p. 113).

[18] Miller. Extimidad del goce (1999, p. 18).

relaciona-se às identificações e à alienação, tão presentes nesse tipo de paciente.

Ainda a propósito do gozo no FPS, Lacan deixa claro que, quando ele adquire um sentido para o psicossomático, o sujeito deixa de sê-lo. Estaria ele apontando uma direção do tratamento? Ele continua dizendo que é "pela revelação do gozo específico que há na sua fixação que sempre é preciso visar à abordagem do psicossomático"[19], ou seja, há um escrito (FPS) não acessível pelo significante, mas por ele desencadeado, que é fixado por um gozo específico, cuja revelação traz a possibilidade de remissão da lesão. Não se trata do que se diz ao sujeito, mas do sentido que o gozo toma para ele quando este não lhe é mais necessário. Valas aposta na possibilidade de subjetivação de uma lesão psicossomática quando, aos poucos, o indivíduo passa a falar alternadamente de sua lesão nos mesmos termos de sua angústia. O gozo do psicossomático faz retorno no corpo do indivíduo mediante uma falha na significantização, buraco na lei de linguagem, mas se existe essa possibilidade de ele tomar algum sentido para o sujeito, como dizem Lacan e Valas, podemos pensar que, a partir disso, ocorreria um descolamento da holófrase, em que os significantes passariam a deslizar na cadeia e a lesão desaparece? Difícil afirmar, mas as recidivas podem já não ser tão violentas, pois o sujeito, de posse de algum saber sobre o seu gozo, tem a chance de erigir contra ele a barreira do desejo, com a qual apara seus excessos e se mantém um pouco menos além do princípio do prazer.

[19] Lacan. Conferência em Genebra sobre o sintoma (1998, p. 14).

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 119. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol. XIV.

FUX, Sara Perola. O gozo específico da psicossomática, *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 26/27, 2000.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*.

LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o sintoma, *Opção Lacaniana,* São Paulo, n. 23, 1998.

LACAN, Jacques *O seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MERLET, Alain. Todo órgão determina deveres. In: WARTEL, Roger (org.). *Psicossomática e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MILLER, Jacques-Alain. Extimidad del goce. In: GORALI, Vera. (comp.). *Estudios de Psicosomática 4*: Hacia una clínica del FPS. Buenos Aires: Atuel-Cap, 1999.

SOLER, Colette. Trauma e fantasia, *Stylus*. Salvador, n. 9, 2004

STEVENS, Alexandre. L'holophrase, entre psycose et psychosomatique, *Ornicar?, Revue du champ freudien,* Paris, n. 42, 1987.

VALAS, Patrick. Horizontes da psicosomática. In: WARTEL, Roger (org.). *Psicosomática e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

VALAS, Patrick. Um fetiche para os ignorantes: a psicossomática, *Letra Freudiana*, Rio de Janeiro, n. 33, 2004.

resumo

A autora parte do pressuposto que, diante do fracasso da representação significante, um ponto de petrificação na cadeia de significantes, ao ser ativado, pode resultar em um fenômeno psicossomático (FPS). A indução das lesões está relacionada às injunções traumáticas do Outro, que levam a um apagamento do sujeito e ao retorno do gozo no corpo. Trata-se, porém, de um gozo específico, fora da ordem fálica; à diferença da repetição significante, manifesta-se em uma escrita do real.

palavras-chave

psicossomática, holófrase, gozo

abstract

The author departs from the proposal that, after the failure of the significant representation, one point of petrification in the chain of significant, when activated, can result in one psychosomatic phenomenon (PSP). The induction of the injuries is related to the traumatic injunctions of the Other, that lead to a deletion of the subject and to return of enjoyment. Otherwise, it is a question of a specific enjoyment, out off the phallus's order; in a different way of the significant repetition, it manifests itself in a writing of the Real.

key words

psychosomatic, holophrasis, enjoyment

recebido

20/08/2006

aprovado

30/09/2006